

## USO DO ÁLCOOL NA CONTEMPORANEIDADE: QUE LUGAR OCUPA, QUE VAZIO PREENCHE?

*Data de submissão: 08/02/2023*

*Data de aceite: 03/04/2023*

### **Arlete Aparecida da Silva Pinto**

Faculdade de Pará de Minas – FAPAM,  
Psicologia  
Pará de Minas – MG

### **Eunaihara Ligia Lira Marques**

Faculdade de Pará de Minas – FAPAM,  
Psicologia  
Pará de Minas – MG

**RESUMO:** Compreende-se que o uso de substâncias entorpecentes tem relações históricas profundas e envolve aspectos culturais, religiosos, dentre outros. Sabe-se também que o abuso de substâncias psicoativas tem aumentado cada vez mais na contemporaneidade, podendo ser entendido como problema de políticas públicas, além de possibilitar questionamentos sobre: Que lugar o uso e a dependência ocupam? Que vazio preenchem? Assim, este estudo objetiva compreender os fatores etiológicos na dependência do álcool, correlacionando com o sentido da vida ou ausência de sentido. Além disso, busca-se destacar os possíveis danos causados pela dependência do álcool, a fim de promover reflexões que estimulem o desenvolvimento dos aspectos de prevenção e tratamentos

para dependência do álcool. Para o alcance dos objetivos, foi realizado um levantamento bibliográfico, o que permitiu compreender o impacto de comportamentos utilizados para o preenchimento do possível “vazio existencial”, sendo um deles o uso do álcool, o que gera grandes prejuízos em diversas esferas da vida dos dependentes, e uma falsa sensação de bem-estar. Espera-se que o estudo permita reflexões e possibilidades futuras de maiores investigações e construções de conhecimentos neste campo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Álcool. Dependência. Sentido da vida.

### **USE OF ALCOHOL IN CONTEMPORARY TIMES: WHAT PLACE DOES IT OCCUPY, WHAT VOID DOES IT FILL?**

**ABSTRACT:** It is known that the use of narcotic substances has deep historical relations as well as it involves cultural, religious aspects, among others. It is also known that the abuse of psychoactive substances has increasingly got higher at the contemporaneity, and it may be understood as a public policy issue, enabling questions about: What place do the use and dependence occupy? What vacuum do they

fill up? Thus, this study aims at understanding the etiological factors at the alcohol dependence, correlating them to the meaning of life or meaningless. It also has sought to highlight the possible damage caused by the alcohol dependence, in order to promote reflections which, stimulate the development of prevention and treatment aspects. A bibliographical survey was carried out to reach the aims, which enabled understand the impact of behaviors used to fill the possible “existential void”, being the use of alcohol one of them, which generates great harm in several areas, and the false sensation of well-being. Although there is not some extensive literature, it may be expected that the study enables reflections and future possibilities for greater investigations and knowledge buildings in this field.

**KEYWORDS:** Alcohol. Dependence. Meaning of life.

## 1 | INTRODUÇÃO

A prática humana de consumir substâncias que proporcionam alterações na percepção, no humor e nos sentimentos acontece há milhares de anos e, de acordo com Lacerda e Rojas (2017), o consumo de tais substâncias químicas envolve fatores culturais, religiosos, econômicos e políticos, dentre outros. Segundo estes autores (2017, p. 364), é factível que, “mesmo fazendo parte de rituais de sociedade, transcendência e autoconhecimento, o consumo descomedido de substâncias químicas, somado a outros fatores relacionados à vida das pessoas”, pode gerar dependência. Neste sentido, é possível que o uso prazeroso passa seu potencial de proporcionar satisfação e se transfigure numa dependência física e psicológica do indivíduo para com a substância.

Entende-se como substâncias psicoativas ou drogas psicotrópicas “aquelas que atuam sobre o cérebro, modificando seu funcionamento, podendo provocar alterações no humor, na percepção, no comportamento e consciência [...] Elas são classificadas em ilícitas e lícitas. Esta última é quando não existe restrição ou proibição na legislação quanto à produção, uso e comercialização, também chamadas como drogas legais e por vezes até estimuladas em determinadas culturas, como por exemplo, o álcool, café e remédios. Já as ilícitas compõem o grupo de substâncias que têm seu uso, produção e comercialização considerados como crimes de acordo com a legislação. São as drogas proibidas (MALBERGIER, AMARAL, 2013 p. 09).

Entretanto, a substância alvo a ser discutida neste artigo é uma droga lícita que traz muitos danos à saúde física, psicológica e social dos indivíduos, o álcool. A dependência ao álcool é amplamente debatida na atualidade e representa a situação do homem ocidental, caracterizando como grave problema social e de saúde pública (PRATTA; SANTOS, 2009). Conhecer os aspectos que estão na origem da dependência do álcool e que implicam na ausência de sentido da vida podem favorecer oportunidades de trabalho aos profissionais de saúde mental. Portanto, o presente estudo abordará os aspectos da dependência do álcool, por tratar-se de assunto relevante na sociedade contemporânea.

De acordo com Diehl, Cordeiro e Laranjeira (2011, p. 129) “a dependência do álcool é compreendida cientificamente como síndrome de dependência de álcool (SDA), e é um

grave problema de saúde pública, sendo um dos transtornos mentais mais prevalentes na sociedade”. Dessa forma, para os autores, trata-se de uma patologia de caráter crônico, passível de muitas recaídas e responsável por inúmeros prejuízos clínicos, sociais, trabalhistas, familiares e econômicos. Ademais, é com frequência associada a situações de violência (sexual, doméstica, suicídio, assalto, homicídio) acidentes de trânsito e traumas. Em âmbito global, o consumo de álcool tem aumentado nas últimas décadas, com predominância de avanço nos países em desenvolvimento e, mais frequente em países onde existe pouca tradição de políticas sociais de controle do uso de álcool, assim como em métodos de prevenção e tratamento.

Segundo Bortoluzzi (2010), com base na Organização Mundial da Saúde (OMS), dois bilhões de pessoas, no mundo, consomem bebidas alcoólicas e cerca de 76,3 milhões convivem com diagnóstico de distúrbios relacionados ao consumo destas bebidas, o que, por esta razão, traz uma carga social e econômica considerável sob a perspectiva da saúde pública. Ainda, segundo a OMS, a população brasileira encontra-se entre os maiores consumidores de álcool, com estimativa de consumo anual de aproximadamente nove litros de álcool absoluto entre residentes maiores de quinze anos de idade.

De acordo com Frankl (2007) citado por Silva e Oliveira (2012) a população jovem, especialmente vulnerável ao apelo das substâncias químicas, vive a síndrome da neurose de massa, gerada pela falta de sentido, constituído na tríade “dependência de drogas, agressão e depressão”. É possível pensarmos que o consumo das drogas é parte do fenômeno da falta de sentido, que resulta em uma frustração das necessidades existenciais, tendo sido visto como “fenômeno universal”.

Segundo Aquino *et al.* (2009) a falta de sentido é a raiz do vazio existencial do homem ocidental atual, que busca uma vida de prazer e êxito, esquecendo-se das metas transcendentais. O ser humano passa então a experimentar uma grande frustração, pois o que torna insuportável não é o sofrer, mas sim o viver sem um ideal. Na Antiguidade, os homens buscavam na tradição um sentido à sua vida. Já na atualidade, existe uma dificuldade em acolher os valores que foram deixados ao longo da história.

O sentido da vida, precisa ser encontrado e descoberto pela pessoa, sendo a consciência, a orientadora nessa busca pelo sentido. O homem busca sempre o significado para sua vida, movendo-se em prol de um sentido para viver, considerado como “vontade de sentido” segundo Frankl (2005, p. 672).

O uso abusivo de substâncias químicas e, em decorrência dele, a dependência, “podem estar correlacionados positivamente ao sentimento de vazio existencial ou à falta de sentido da vida”, segundo Frankl citado por Marques, Holanda e Serberna (2015, p. 219). Elege-se como hipótese que o fenômeno do abuso de substâncias químicas na atualidade é uma face do sentimento da falta de sentido, resultante das frustrações existenciais, afetando sua etiologia de neurose, sendo uma “psicoterapia” auto administrativa por pessoas que têm problemas existenciais, retratando o consumo como forma de automedicação e

entorpecimento frente ao sentimento de falta de sentido.

Dessa maneira, este artigo objetiva compreender quais fatores etiológicos estão inclusos na dependência ao álcool e que podem estar relacionados com o sentido da vida ou ausência de sentido. Além disso, pretende-se elucidar quais os tratamentos possíveis envolvidos na dependência do álcool, estabelecendo os possíveis danos causados pela dependência na vida do usuário, a fim de promover reflexões que estimulem o desenvolvimento dos aspectos de prevenção e tratamento desses indivíduos.

Para o alcance dos objetivos propostos buscou-se investigar em livros e em plataformas digitais de domínio público, como por exemplo, *Google Acadêmico*, *Scientific Eletronic Library Online* (SCIELO) e Periódicos Eletrônicos da Psicologia (PePSICO) ou seja, artigos científicos, bem como manuais, cartilhas, documentos de órgãos federativos e internacionais, como a OMS, sobre a temática em questão. Dessa forma, trata-se de uma pesquisa bibliográfica que, de acordo com Lima e Miotto (2007) tem sido frequentemente usada em trabalhos onde o estudo acontece de forma exploratória ou descritiva e, principalmente em casos em que o objeto principal de investigação é pouco estudado, o que leva a uma certa dificuldade de formulação de hipóteses precisas. Assim, foi realizado o levantamento de uma variedade de materiais sobre o uso e dependência do álcool, e o sentido da vida e, de um total de 30 obras, 24 foram selecionadas para leitura, e separadas de acordo com a sua relevância para a realização do presente estudo.

## 2 | AS DROGAS E A DEPENDÊNCIA DO ÁLCOOL

De acordo com a Classificação Internacional de Doenças - CID (OMS, 1993) e o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-V (APA, 2014) entende-se que o uso seja uma autoadministração de qualquer quantidade de substância, o abuso como um padrão de uso que apresenta consequências nocivas e/ou riscos prejudiciais ao sujeito, podendo ou não tornar o sujeito dependente. Já a dependência é compreendida como a ausência total de controle sobre o uso, onde geralmente o indivíduo desenvolve comportamentos abusivos, causando problemas à saúde. Além disso, as substâncias tornam-se indispensáveis ao funcionamento físico e psicológico.

Segundo Zanelatto e Laranjeira (2013) é preciso, antes de classificar as substâncias psicotrópicas, conceituar quais foram sistematizadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS), em 1981. As drogas psicotrópicas agem no sistema nervoso central (SNC) produzindo alterações de comportamento, humor e pensamento, passíveis de autoadministração. São os psicotrópicos, portanto, as substâncias que podem levar à dependência. As substâncias psicotrópicas, ainda de acordo com os autores supracitados, representam formas alternativas de buscar o prazer por meio de um estímulo artificial do SNC. A diferença fundamental entre o estímulo de prazer gerado pelo ato natural de saciar a fome e o uso de um psicotrópico é a potência desse estímulo. As substâncias

são capazes de gerar estímulos cujas intensidade e duração são muito maiores. Dessa maneira, conforme o indivíduo faz uso abusivo do álcool, cada vez mais essa substância passa a interferir de maneira significativa em sua vida. Portanto, as drogas psicoativas são substâncias depressoras do sistema nervoso central, agentes depressores, lenteando seu funcionamento. Os efeitos são sonolência, diminuição da concentração, lentidão psicomotora, diminuição dos reflexos e sensação de relaxamento e tranquilidade.

O álcool provoca alterações em vários sistemas neuroquímicos cerebrais. Sua ingestão provoca a inibição do sistema glutamatérgico – do qual faz parte o glutamato, o neurotransmissor estimulante mais potente do SNC – e a liberação do ácido GABA (ácido g-aminobutírico). Esse ácido é o principal neurotransmissor inibitório do SNC, da serotonina, da acetilcolina e de opioides endógenos, responsáveis pela sensação de prazer e bem-estar mediada pela liberação de dopamina no O Núcleo Accumbens Humano (Acc) é a principal estrutura do Estriado Ventral. Constitui uma interface límbico-motora e tem um papel central nos circuitos de recompensa cerebral. Cumpre funções emocionais, motivacionais e psicomotoras, estando envolvido em diversas patologias neuropsiquiátricas. (*nucleus accumbens*). Devido ao efeito exercido em diversos neurotransmissores cerebrais, o efeito agudo do álcool sobre o SNC não é único. Em geral, primeiro ocorrem euforia e desinibição e, depois, os efeitos depressores do SNC. (ZANELATTO; LARANJEIRA, 2013, p. 41).

De acordo com Zanelatto e Laranjeira (2013) a dependência química é caracterizada por um padrão de consumo compulsivo da substância psicoativa, ocorrendo um desejo incontrolável em consumir. Conseqüentemente, surge a necessidade de doses crescentes, a fim de experimentar efeitos obtidos anteriormente em doses menores, aumentando a tolerância. Com respeito a este aumento gradativo de uso, os autores argumentam que

[...] ocorrem sinais e sintomas no organismo caso o sujeito reduza ou interrompa seu uso por algum motivo. Sendo assim, para alívio destes sintomas pela interrupção, o usuário passa a consumir substâncias químicas preventivamente a fim de evitar o retorno dos sintomas desagradáveis provocados pela ausência de substância no organismo (ZANELATTO; LARANJEIRA, 2013, p. 43-46).

De modo geral, de acordo com Abreu e Malvasi (2011) as substâncias de abuso aumentam os níveis de dopamina trazendo uma resposta condicionada, ou seja, ao ingerir álcool, o sistema de recompensa do cérebro é ativado por meio do elemento químico dopamina, que dá a sensação de recompensa. Assim, o uso repetitivo de álcool ativa os mesmos sistemas cerebrais de motivação que continuam ser ativados por comportamentos essenciais, alimentos, sexualidade e fuga de situações ameaçadoras.

Em síntese, a dependência se instaura quando o cérebro passa a associar essas substâncias (álcool) e seus estímulos como substâncias biologicamente necessárias, ocorrendo a sensibilização de estímulo, uma vez que a sensação de bem-estar e euforia aumenta o desejo de repetir tais sensações. Contudo, a exposição a estas recompensas

condicionantes pode ser o gatilho para o uso abusivo de álcool e na busca de sensações prazerosas.

Na dependência física, de acordo com Abreu e Malvasi (2011), o organismo adapta-se e se acostuma com a substância química; na dependência psicológica, as alterações comportamentais tomam o caráter de transtorno, pois está ligada a padrões patológicos de funcionamento. Desta forma, o sujeito, mesmo experimentando problemas significativos relacionados ao uso, persiste, tornando a substância, o álcool, prioritária em sua vida.

De acordo com o DSM-V (APA, 2014) e o CID-10 (OMS, 1993) o diagnóstico de dependência de substâncias segue os seguintes fenômenos, que devem ocorrer, a qualquer momento, no mesmo período de 12 meses:

Estreitamento do repertório de beber – sendo a tendência de ingerir bebidas alcóolicas acompanhada ou não, nos dias úteis e fins de semana. Os episódios sem beber se tornam raros. Ocorre uma constância em ingerir bebidas seja em eventos para comemorar, seja sozinho ou em dias comuns. Ingerir bebidas por período mais longo do que o preterido.
Tolerância é a perda ou diminuição da sensibilidade ao álcool. O sujeito passa a ingerir doses sempre maiores, para atingir os mesmos efeitos; torna-se mais resistente, necessitando de quantidades progressivas para adquirir a intoxicação ou efeito desejável.
Nas síndromes de abstinência os sinais e sintomas psíquicos e físicos ocorrem após a diminuição ou interrupção do consumo da substância, quanto maior a dependência mais intenso será o efeito da abstinência da substância no organismo.
Quando existe um desejo persistente ou esforço mal sucedido no sentido de reduzir ou controlar o uso de bebidas alcóolicas.
O sujeito gasta muito tempo em atividades necessárias para a obtenção de substâncias ou planejamento de seu uso coletivo.
Abandono de atividades sociais, laborais, ocupacionais ou recreativas em virtude do uso da bebida.
O uso contínuo da substância, mesmo tendo consciência dos malefícios para sua física e psicológica. Por exemplo, o uso continuado de bebidas alcóolicas, embora o sujeito reconheça que uma úlcera piorou pelo consumo de álcool.

Quadro 1 - Critérios de dependência de substâncias

## 2.1 Algumas razões do abuso do álcool e prejuízos associados

Segundo Pratta e Santos (2009), na contemporaneidade, usar substâncias químicas de forma abusiva contribui para a ocorrência de problemas individuais e sociais. Sendo, assim, globalmente, o álcool provoca 3,2% de todas as mortes - cerca de 1,8 milhões de mortes/ano - e cerca de 4% das doenças estão relacionadas ao seu uso. Do total de mortes atribuídas ao álcool, 32% são resultantes de injúrias não intencionais, ou seja, acidentes de trânsito, afogamentos, queimaduras, quedas e outras (OPAS, 2019).

Segundo Crives e Dimenstein (2003, p. 28), o incremento do uso abusivo de álcool vem sendo associado à vulnerabilidade social, vivida por alguns grupos de jovens, bem como a cultura do consumo prazeroso, conhecida como cultura do excesso. Uma ampla

parcela de jovens vive permanentemente ameaçada pela instabilidade de suas condições de vida e pela exclusão social.

A (...) exclusão social refere-se não só aos grupos economicamente desfavorecidos, mas a uma parcela da sociedade que se encontra em situação de "inutilidade social" ou "exclusão existencial", que atinge pobres e ricos de forma violenta, na medida em que aponta uma ausência de valores identitários, uma crise de significações do imaginário social. (CRIVES; DIMENSTEIN, 2003, p. 28).

Ainda de acordo com Crives e Dimenstein (2003, p. 29), esse ponto de vista implica na percepção das substâncias químicas como produto sociocultural e seu uso multideterminado afastando-se da posição puritana, moralista, que não consegue avançar em desenvolvimento de alternativas de intervenção que levem em consideração as demandas de uma sociedade consumista, narcisista e hedonista, onde a substância química ocupa um lugar de "solução mágica", alívio do mal-estar produzidos nas relações cotidianas dos jovens. Nesse sentido, as substâncias químicas podem ser entendidas como bens simbólicos, carregando em si a promessa de felicidade garantida e de fácil acesso.

As questões envolvendo a dependência ao álcool são consideradas problema de saúde pública. Guimarães *et al.* (2008, p. 673) descrevem a dependência química como um problema de saúde pública que tem desafiado os profissionais de saúde a compreenderem o perfil do usuário de substâncias psicoativas, pois há dificuldades no manejo e na abordagem do problema.

Compreende-se que a dependência ao álcool afeta de maneira significativa a família, pois, hoje, a família pode ser entendida como um cenário de risco e/ou de proteção frente às complexidades do abuso de substâncias. Para Diehl, Cordeiro e Laranjeira:

O pressuposto básico desse entendimento explica que as pessoas que usam drogas estão inseridas em um contexto no qual seus valores, crenças, emoções e comportamentos influenciam os comportamentos dos membros da família, também sendo por eles influenciados. Assim, a unidade família representa um dos sistemas de muitos outros que compõem toda a rede do paciente que apresenta o problema de abuso ou de dependência em que mais facilmente os problemas de ordem humana podem ser abarcados. (DIEHL; CORDEIRO; LARANJEIRA, 2011, p. 319 e 320)

Famílias que apresentam o problema da dependência, segundo Diehl, Cordeiro e Laranjeira (2011) são, na verdade, aquelas que vêm, ao longo das gerações, sofrendo o impacto de perdas, traumas ou questões não resolvidas. Isso leva a pensar que tais perdas não teriam sido trabalhadas de forma suficiente, e que na tentativa de seguirem o fluxo da vida familiar, a vulnerabilidade, para outros problemas ou sintomas, permanece.

Os problemas com bebida alcóolica, normalmente se desenvolvem de forma gradual. Porém, podem ser exacerbados de modo significativo por um acúmulo de eventos estressantes ou pela identidade familiar construída ao longo das transições no ciclo da vida. (DIEHL; CORDEIRO; LARANJEIRA, 2011, p. 326)

Segundo Zanelatto e Laranjeira (2013, p. 53), quanto aos prejuízos associados, evidenciam-se danos físicos, psíquicos e sociais potencializados pelos efeitos do uso agudo e crônico do álcool e perdas de relações familiares e de trabalho. As complicações clínicas (físicas) são sinais encontrados no organismo, por meio dos sintomas, pois o álcool tem ação tóxica direta sobre diversos órgãos quando utilizados em doses elevadas e por um período prolongado. As complicações físicas mais comuns, são gastrites, úlceras, hepatites tóxicas, esteatose (acúmulo de gordura no fígado), cirrose hepática, pancreatites, lesões cerebrais, demência, anestesia, diminuição de força muscular, miocardites, hipertensão e acidentes vasculares cerebrais e riscos de neoplasias no trato gastrointestinal, na bexiga, na próstata e em outros órgãos.

Constata-se entre usuários de álcool os sintomas de abstinência quando eles observam prejuízos em detrimento do abuso. Vale ressaltar, segundo Zanelatto e Laranjeira (2013), que “os sintomas de abstinência se caracterizam como sintomas físicos e psíquicos de desconforto após redução ou interrupção do consumo. São tremores, suor difuso, palpitações cardíacas, aumento da temperatura do corpo, náuseas e vômitos, que podem levar a confusão mental”.

Encontra-se na literatura alta prevalência da associação entre transtorno mental e transtorno por uso de substâncias psicoativas. Segundo Zanelatto e Laranjeira (2013, p. 85), as comorbidades mais encontradas são os transtornos de ansiedade (fobia, fobia social, transtorno de pânico), do humor (depressivos e bipolares), da personalidade (*borderline* antissocial e esquizotípica), esquizofrenia, transtorno da alimentação e transtorno do déficit de atenção), hiperatividade. Os autores alertam que suas relações podem ser coincidências, vulnerabilidade genética em comum ou podem ser estas complicações psíquicas apenas transtornos de base. Como a dependência ao álcool tem seu caráter crônico, há inúmeras recaídas e prejuízos e, sendo o uso abusivo do álcool o foco na vida do dependente, ocorre o distanciamento e a ruptura de laços fraternais pelos inúmeros episódios de conflitos, abandono e alterações em sua vida, não sendo possível responsabilizar-se pelo outro na estrutura familiar. O lugar da família passa a ser de sobrecarga para aquele que vive para o álcool.

Portanto, não existe consumo de álcool isento de prejuízos pessoais e relacionais e são inúmeros os problemas relacionados ao consumo desta substância do ponto de vista das alterações dos comportamentos daqueles que têm a dependência do álcool. Assim, a pessoa fica susceptível quando em estado de embriaguez e, após os sintomas recorrentes, em extrema vulnerabilidade moral, comportamento sexual de risco, irritabilidade, julgamento crítico, com mudança significativa no ritmo de fala, desempenho motor e ataxia (perda ou irregularidade de coordenação motora, com grande risco a acidentes de trânsito).

Não incomum, ainda pode existir um comprometimento de ordem legal e de autoextermínio. De acordo com Lara, Diehi e Cordeiro (2011), a violência doméstica, ideação suicida são associados a dependência de álcool, uma vez que a depressão está

presente com o adoecimento psíquico anterior à dependência ou como consequência das perdas na qualidade de vida.

### 3 | O SENTIDO DA VIDA

Carneiro e Abritta (2008) reafirmam em seu estudo que ao longo da existência, “o homem sempre buscou construir sentido para sua razão de ser e de estar no mundo”. Postulam ainda que o homem desde então necessita desenvolver meios para afirmar sua presença em vida, bem como dar sentido a sua existência (vida), tendo contribuições para a construção dos sentidos em manifestações na arte, na literatura, nos rituais, na filosofia e outros.

No livro “Um Sentido para a Vida”, o psiquiatra Viktor Frankl (1989) e fundador da logoterapia, defendeu que a “terapia através do sentido, afirma que a sobrevivência depende da capacidade de orientar a própria vida em direção a um “para que coisa” ou um “para quem”, ou seja, a capacidade de transcender-se” (CARNEIRO; ABRITTA, 2008). Frankl (1991) compreende que o sentido em acreditar que cada pessoa tem uma missão específica a realizar e precisa executar essa tarefa é construído a partir da subjetividade de cada pessoa. Para Frankl (1989), o sentido poderia ser uma junção entre os valores de uma criação, com trabalho/profissão que colocaria o sujeito incluído e realizado no social. Portanto, ele não considera o trabalho como garantia plena, único aspecto, ou como suficiente para encontrar sentido para sua vida.

Em linhas gerais, “o sentido da vida”, segundo Frankl trata-se de encontrar um propósito que permita seguir a vida, assumindo uma responsabilidade consigo mesmo e para a humanidade, compreendendo o que nos motiva, sermos capazes de seguir seguros e capazes de adaptar, criar e gerar mudanças.

De acordo com Carneiro e Abritta (2008) antigamente parecia que o homem resolvia suas questões de sobrevivência a partir de aparatos simples, como, por exemplo, alimento, abrigo, criação dos filhos (prole). Porém, atualmente apesar de todos os recursos à nossa disposição, a condição de vivência e permanência na Terra parece uma tarefa difícil.

Assim, na contemporaneidade, cada pessoa se questiona sobre qual é o seu propósito. Porém, várias inquietações e paradoxos surgem.

A tecnologia trouxe o paradoxo da sobrevida e da autodestruição do ser humano. Tudo está pronto, a ponto de ser consumido e não mais exige do homem a construção de um sentido para tal: a poesia deu lugar ao mundo virtual, a sensualidade é objeto de marketing, a privacidade sucumbiu à sedução das comunidades *on-line*. O corpo está exposto e a intimidade devassada. Os jovens buscam nas drogas alguma compensação para a falta de uma razão de ser e de existir. (CARNEIRO; ABRITTA, 2008, p. 191)

Portanto, o sentido abraça a individualidade, ou seja, aquilo que é apreendido pelo sujeito a respeito de algo, mas não o descola do meio social. Já a falta de sentido do

sujeito contemporâneo aponta para um fenômeno existencial recorrente, como um mal-estar da sociedade atual. Perante as exigências, pressões, desafios, o sujeito encontra-se desamparado e, quando não corresponde a essas exigências, busca-se afastar-se da realidade e encontra refúgio em um mundo próprio.

Segundo Aquino *et al.* (2009), a falta de sentido é a raiz do vazio existencial do homem ocidental atual, busca-se uma vida de prazer ou êxito, esquecendo-se das metas transcendentais. O ser humano passa a experimentar uma frustração, pois o que se torna insuportável não é o sofrer, mas o viver sem um ideal.

É possível pensar em uma ausência de referências e de pertencimento nas pessoas, especialmente nos jovens na contemporaneidade, o que pode resultar em prejuízo. Assim, ocorre uma busca desenfreada de subterfúgios para preencher uma falta de sentidos subjetivos, podendo recorrer a comportamentos compulsivos ou de excessos, em modos de vida focados em consumo, prazeres, substâncias químicas, distanciando-se dos valores humanos.

Portanto, a falta de sentido traz prejuízos nas várias interfaces da vida cotidiana como nos laços afetivos e uma imensa inadaptação ao exercício da vida laboral, impactando significativamente na saúde mental, pois a falta de sentido está relacionada diretamente à depressão, ansiedade, pensamentos obsessivos, fobias e outras sintomatologias (BATTHYANY, 2012).

Vale ressaltar que o sujeito na atualidade, segundo Frankl (1988; 2007), busca satisfazer os desejos imediatos, mas como vivemos em uma sociedade de consumo, criam-se demandas que não podem ser sempre satisfeitas, como a necessidade de sentido. Assim, o sujeito fica à mercê do aqui e agora sem a intenção de planejar e agir em prol de si mesmo.

### **3.1 Sentido da vida e o abuso do álcool**

As razões que levam uma pessoa a ingerir drogas, e em especial o álcool, são variadas e particulares. Entretanto, há uma consonância que permite afirmar que podem ser compreendidas como causas: curiosidades; influências culturais e sociais, que por vezes têm início precoce; vontades próprias; por fuga a partir de dificuldades em lidar com situações difíceis, em decorrência de conflitos familiares ou de outras ordens; rituais religiosos; insatisfações com a vida; busca de sensações de prazer, alívio de tensões e relaxamento. (CRIVES; DIMENSTEIN, 2003; PRATA; SANTOS, 2006; FARIA: SILVA, 2018).

Quanto à relação do uso e abuso de drogas com o sentido da vida, entende-se que os jovens, segundo Reis (2013) citado por Andrade (2018), são vulneráveis devido às transformações biopsicossociais, intelectuais e emocionais, se expondo às situações de risco à saúde.

A vulnerabilidade refere-se a níveis variados de exposição à influência da realidade, articulada as necessidades objetivas e subjetivas do adolescente, podendo gerar agravos à saúde prevalentes nessa faixa etária (REIS *et al.*,

2014 *apud* ANDRADE 2018, p. 26). Dentre as principais vulnerabilidades que expõem os adolescentes a situações de risco incluem o comportamento sexual, o uso de álcool e outras drogas e a violência, sendo que estas, muitas vezes estão inter-relacionadas. Tangenciado a isso está o conceito de risco, por vezes potencializado pelas situações sociais, levando a maior chance de sofrimento psicológico e físico e, em caso extremo, até mesmo o óbito (FAIAL, et al., 2016).

Para o enfrentamento das vulnerabilidades que permeiam a vida do adolescente, faz-se necessária a ampliação dos elementos protetores como a família, considerada como berço das relações humanas, bem como a religião, que ajusta o comportamento humano por meio da crença (FAIAL, *et al.*, 2016). Além disso, a escola tem papel fundamental para o desenvolvimento de ações de promoção da saúde e prevenção de riscos, por se configurar em um lugar onde, além da aprendizagem teórica, o jovem vivencia as transformações pessoais e a convivência em grupo (BRASIL, 2015b).

Segundo Andrade (2018), várias medidas foram desenvolvidas para a redução do consumo de drogas lícitas por jovens, como proibir a venda de álcool e tabaco a menores de idade, aumentar o preço dos produtos por meio de impostos mais elevados, proibir a publicidade do tabaco, garantir ambientes sem fumo e regular a forma como bebidas alcoólicas são direcionadas ao mercado jovem (OMS, 2017). Entretanto, propagandas de associação da bebida com situações de prazer e bem-estar são veiculadas, causando o aumento do consumo e influenciando o comportamento do jovem (FAIAL *et al.*, 2016).

Em contrapartida, nos estudos de Frankl (2011) é relatado que o ser humano pode vivenciar o sentimento de vazio existencial. Este outro conceito abordado pelo autor, diz respeito à sensação de vazio decorrente da percepção de que a vida não tem sentido, sendo a existência vivenciada como algo que não tem qualquer propósito ou valor.

O vazio existencial está associado à perda da perspectiva de futuro, restringindo a percepção de “para que viver”. Em decorrência, o indivíduo pode assumir uma forma de existência provisória, desencadeando um excesso de busca de prazer e poder; outras formas de sua manifestação são o tédio (não se interessar por algo) e a apatia (não tomar iniciativa para algo) (FRANKL, 2011). Outros sintomas são ressaltados por Frankl (2005), sendo denominados de tríade da neurose de massa: depressão, agressão e toxicod dependência.

Segundo Frankl (1989) citado por Andrade (2018), o vazio existencial se manifesta por meio de formas dissimuladas, onde o sujeito refugia-se no trabalho ou no uso abusivo de bebidas alcoólicas, para não se deparar com o próprio deserto interior e, portanto, o jovem precisa construir ideais e valores. Assim, a existência humana não será autêntica, sendo que uma característica da existência humana é sua transcendência, que constitui por sua vez a sua essência. Essa transcendência amplia a direção do homem para um dever, pois o ser humano é um ser direcionado a algo que não a si mesmo.

Contudo, apesar do reconhecimento das diversas subjetividades entre as razões que levam o indivíduo ao uso e abuso do álcool e além da inexistência de muitos estudos

e evidências que comprovam, acredita-se que há uma correlação entre o uso e abuso do álcool (e outras substâncias) e a busca de sentido ou ausência deste. Sabe-se que o vazio existencial pode surgir a partir de uma variedade de comportamentos e buscase preenchê-lo de diversas formas. Destaca-se que o álcool é uma droga legal, de fácil acesso, que permite o entorpecimento ou elevação da “alma”, sendo capaz de ludibriar e provocar alterações das sensações, percepções e comportamentos. Dessa maneira, seria uma das formas ilusórias de preenchimento do vazio ou busca de sentido.

## 4 | PREVENÇÃO E TRATAMENTO

Diehl, Cordeiro e Laranjeira (2011) afirmam que na área da saúde, os aspectos relacionados à prevenção seriam as ações desenvolvidas por políticas públicas ou por órgãos não governamentais. Dessa forma, as estratégias preventivas apontam no sentido de impedir o uso de álcool, reforçando a determinação do ser humano para recusar o uso, desestimulando condutas autodestrutivas, enfocando a redução de riscos; realçando o uso à ilegalidade, imoralidade. Este modelo de prevenção pretende persuadir o sujeito a dizer “não” para o álcool. (DIEHL; CORDEIRO; LARANJEIRA, 2011, p. 481-482).

Outras ações preventivas, ainda de acordo com Diehl, Cordeiro e Laranjeira (2011) são realizadas no sentido de defender o direito dos indivíduos de realizar escolhas conscientes, assertivas com relação ao uso de álcool, sem imposição dos governos, onde o sujeito após receber informações e formação poderia discernir entre consumir ou não e assim reduzir riscos. Os fatores de riscos seriam condutas que o indivíduo tem dificuldade em alcançar: falta de habilidade de enfrentamento, autocontrole, baixa autoestima, dificuldades escolares, comportamento antissocial e espiritualidade pouco desenvolvida.

Os projetos tendem, de um modo geral, a desenvolver programas de intervenção multifatorial, abordando o indivíduo, família, comunidade, instituições escolares e religiosas. Encontram-se, atualmente, estratégias de prevenção universal, seletiva e indicada. A universal é dirigida ao público-alvo em geral, sem direcionar a grupos de riscos. Estratégias de prevenção seletiva são dirigidas a grupos de risco, vulneráveis a problemas de saúde provenientes do uso abusivo de álcool. Já as estratégias de prevenção indicada buscam atingir grupos de indivíduos com características individuais e que apresentam comportamentos que agravam a saúde física e a psicossocial (DIEHL; CORDEIRO; LARANJEIRA, 2011, p. 481-484).

Existem fatores de proteção que podem impedir ou retardar o uso de álcool e minimizar os impactos deste uso abusivo na vida das pessoas. São atributos pessoais como habilidades sociais, empatia, bom humor, autonomia, metas, autoestima positiva, senso de cooperação, habilidade para solucionar problemas, vínculos afetivos com instituições familiares, sociais e escolares.

Vale ressaltar que os programas de prevenção do uso de álcool focados na família

são fundamentais pois os modelos parentais são repassados para os filhos. Portanto, embasar os pais com informações a respeito do álcool é muito importante para estimular o diálogo e atitudes assertivas na abordagem com os filhos. Acredita-se que pais conscientes trarão impactos positivos ao ambiente familiar, mas existem famílias que são carentes e não aderem a programas de prevenção porque muitas vezes os pais dos jovens são também envolvidos em situações de risco com relação ao abuso de substâncias lícitas (álcool) ou ilícitas, e assim vários membros na mesma família estão em sofrimento.

Com relação ao tratamento, a literatura recomenda a combinação de práticas terapêuticas, com enfoque científico, como norteadora para quaisquer tratamentos e programas que atendam aos dependentes de álcool. Uma avaliação criteriosa se torna necessária para diagnóstico e escolha de tratamento que atenderá, de maneira eficaz, o alcoolista. O dependente necessitará de ampla rede de cuidados, considerando a complexidade e o caráter do uso abusivo de álcool ser uma problemática de saúde pública.

Os tratamentos podem ser desde a redução de danos como uma das estratégias preventivas e de caráter informativo, até modelos de atendimentos ambulatoriais, internações para quadros agudos, residências terapêuticas comunitárias de longa permanência, clínicas especializadas para transtornos mentais em decorrência do uso de álcool e a organização destes serviços deverá ser pautada em métodos de tratamentos científicos compostos por equipe multidisciplinar qualificada, com experiência comprovada nestes serviços de alta complexidade.

Seguem os 13 princípios do tratamento eficaz segundo o *National Institute on Drug Abuse* (NIDA):

1. Não há um único tratamento apropriado para todas as pessoas.
2. O tratamento deve estar disponível o tempo todo.
3. Deve abarcar as múltiplas necessidades do indivíduo (não apenas o uso de drogas).
4. Deve ser avaliado e modificado permanentemente, de acordo com as necessidades do usuário.
5. Deve possuir uma duração adequada.
6. A psicoterapia (individual e/ou de grupo) é componente essencial.
7. Promover abordagens farmacoterápicas.
8. Visar ao tratamento integrado das comorbidades.
9. A desintoxicação é apenas o primeiro passo.
10. O tratamento não precisa ser voluntário para ser efetivo.
11. O uso de drogas durante o tratamento deve ser monitorado.
12. Desenvolver programas para DST e AIDS.

13. A recuperação da Dependência Química pode ser um processo a longo prazo e frequentemente requer vários episódios de tratamento.

Com certa frequência, os pacientes são praticamente despejados em instituições, clínicas de internação ou comunidades terapêuticas. Nem sempre a equipe tem acesso ao familiar e, muitas vezes, a dificuldade de envolver a família no tratamento representa mais um sintoma do funcionamento familiar, ou seja, é possível que condutas negligentes por parte dos pais ou descaso componham um quadro de comportamento já existente antes do problema de abuso ou dependência. É frequente encontrar famílias que acreditam que o problema do abuso seja essencialmente de causa individual e, por consequência, nada ter a fazer (DIEHL; CORDEIRO; LARANJEIRA, 2011, p. 325).

Sendo assim, os dependentes de álcool podem se beneficiar de uma pluralidade de intervenções para fins de tratamento em serviços dentre eles: Unidade básica de saúde, Pronto-socorro, Tratamento ambulatorial, Centro de atenção psicossocial – álcool e drogas, Hospital geral, Moradias assistidas para dependência química, Hospital-dia e outros.

A intervenção clínica do psicólogo será primordial, no sentido de implicar o sujeito que faz uso abusivo do álcool no tratamento. O serviço de psicologia ofertará um trabalho no campo da dependência envolvendo a prevenção, a educação e o tratamento, em uma perspectiva crítica e de qualidade de vida, requerendo do profissional de psicologia o maior afastamento possível de preconceitos e estigmas que contribuem para aumentar a exclusão social.

## **5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao término deste estudo pode-se constatar a importância de abordar as questões que remetem ao sentido da vida para dependentes do álcool. A proposta de abordar sobre o sentido da vida, aqui representado pela presença e busca de sentido e o vazio existencial se relaciona com o uso abusivo de álcool, que certamente comprovará que todo trabalho desenvolvido no campo da dependência química deverá envolver prevenção, educação e tratamento. Deve-se, portanto, ser desenvolvido numa perspectiva crítica e de qualidade de vida, ocorrendo um afastamento de preconceitos e dos estigmas que contribuem para aumentar a exclusão social, onde poderá nos levar a tomar medidas equivocadas, o que não favorecerá o enfrentamento da problemática.

Na perspectiva de condução proposta para o estudo, os resultados subjetivos sobre a presença e ausência de sentido da vida de sujeitos que fazem uso abusivo do álcool apontam que uma tomada de consciência individualizada e particularizada do sujeito se faz necessária pois o questionamento de verificar o sentido da vida é um marco na (re) construção de uma nova forma de viver.

Foi identificado, e em consonância com a literatura aqui apontada, que a ausência de sentido na vida interfere nos laços sociais que os jovens estabelecem, seja consigo

mesmo ou com outros. Esta falta aparece na dependência química, sendo necessário o resgate de objetivos de vida e a busca de novos sentidos para que o jovem se recupere e constitua condição primordial para aderir ao tratamento proposto.

Espera-se que este trabalho possa fomentar o estudo contínuo sobre o sentido da vida para sujeitos que fazem uso abusivo do álcool, pois defende-se como fundamentais todas as ações supracitadas, e espera-se após este estudo reconhecer a sua indispensabilidade no processo de tratamento desses sujeitos, além de construir pontes para futuras investigações, uma vez que não há ainda na literatura uma gama de trabalhos e referenciais.

## REFERÊNCIAS

ABREU, C. C.; MALVASI, P. A. Aspectos transculturais, sociais e ritualísticos da dependência química. In: DIEHL *et al.* **Dependência química: prevenção, tratamento e políticas públicas**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. **DSM-5** (5ª ed.): Artmed, Porto Alegre, RS, 2014.

ANDRADE, Amanda Espíndola de. **Relação entre o sentido da vida e o uso de drogas por adolescentes**. 96 p. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Saúde. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/191328/TCC%20AMANDA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 19 abr. 2021.

AQUINO, T. A. A., CORREIA, A. P. M., MARQUES, A. L. C., SOUZA, C. G., FREITAS, H. C. A., ARAÚJO, I. F., *et al.* (2009). Atitude religiosa e sentido da vida: Um estudo correlacional. **Psicologia Ciência e Profissão**, 29(2), 228-243.

BATTHYANY, Alexander. As avaliações empíricas na logoterapia e análise existencial: Uma visão geral. **Revista Logos & Existência: Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial**. 1ª ed., 3--14, 2012.

BORTOLUZZI, Marcelo Carlos *et al.* Prevalência e perfil dos usuários de álcool de população adulta em cidade do sul do Brasil. **Ciênc. Saúde Coletiva** v. 15 n. 3 Rio de Janeiro. Maio, 2010.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente: avanços e desafios para a infância no Brasil. **Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF)**: 2015b. Disponível em: <[https://www.unicef.org/brazil/pt/resources\\_30274.html](https://www.unicef.org/brazil/pt/resources_30274.html)>. Acesso em: 22 mai. 2021.

CARNEIRO, Cláudia; ABRITTA, Stella. Formas de existir: a busca de sentido para a vida. **Rev. abordagem gestalt.** v. 14 n. 2 Goiânia dez. 2008. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672008000200006#:~:text=Em%20seu%20livro%20Um%20Sentido,a%20capacidade%20do%20ser%20de](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672008000200006#:~:text=Em%20seu%20livro%20Um%20Sentido,a%20capacidade%20do%20ser%20de)>. Acesso em: 22 mai. 2021.

CRIVES, Miranice Nunes dos Santos; DIMENSTEIN, Magda. Sentidos produzidos acerca do consumo de substâncias psicoativas por usuários de um programa público. **Saúde soc.** 2003, v. 12, n. 2, pp. 26-37.

DIEHL, Alessandra; CORDEIRO, Daniel Cruz, LARANJEIRA, Ronaldo. **Dependência química: prevenção, tratamento e políticas públicas**. Porto Alegre: Artmed: 2011.

FAIAL, Lígia Cordeiro Matos *et al.* Vulnerabilidades na adolescência: um campo oportuno para a prática da saúde: revisão integrativa. **Rev Enferm UFPE**. Recife, v. 10, n. 9, p. 3473- 82, set., 2016.

FARIA, Itamar Teodoro de; SILVA, Luzia Aparecida. Causas e consequências do uso das drogas: uma reflexão teórica. **Ciência et Praxis** v. 11, n. 21, 2018.

FRANKL, Viktor Emil. **A Vontade de Sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia**. São Paulo: Paulus, 2011.

GUIMARÃES, C. F., SANTOS, D. V. V., FREITAS, R. C., & ARAUJO, R. B. Perfil do Usuário de crack e fatores relacionados à criminalidade em unidade de internação para desintoxicação no Hospital Psiquiátrico São Pedro de Porto Alegre (RS). **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**. 30 (2), 101-108, p. 673, 2008.

HOLZMANN, Vivian Santos de Oliveira; SOUZA, Gabriela Santos Brandão de; PEREIRA, Luciana Carvalho. A importância da família no cuidado do paciente oncológico: a resiliência como recurso de enfrentamento à luz da Logoterapia. In: CARVALHO, Tatiana Oliveira de; AQUINO, Thiago Antônio Avellar. **Anais do VIII Congresso Brasileiro de Logoterapia e Análise Existencial**. São Luís/MA, 2016.

LACERDA, Clarissa de Barros; FUENTES-ROJAS, Marta. Significados e sentidos atribuídos ao Centro de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas (CAPS AD) por seus usuários: um estudo de caso. **Interface**. 2017, v. 21, n. 61, pp. 363-372.

LIMA, Aluísio Ferreira de. Dependência de drogas e psicologia social: um estudo sobre o sentido das oficinas terapêuticas e o uso de drogas a partir da teoria de identidade. **Psicol. Soc.** 2008, v. 20, n. 1, pp. 91-101.

LIMA, Telma Cristiane S.; MIOTO, Regina Célia T. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica**. 2007.

MALBERGIER, André; AMARAL, Ricardo Abrantes. Conceitos básicos sobre o uso abusivo e dependência de drogas. **Curso de Capacitação Dependência Química**. Maranhão, 2013. Universidade Federal do Maranhão. UNASUS/ UFMA. Disponível em: <<https://ares.unasus.gov.br/acervo/handle/ARES/2046>>. Acesso em: 29 mar. 2021.

MARQUES, Laura Boletta; HOLANDA, Adriano Furtado; SERBENA, Carlos Augusto. Vazio existencial e o abuso do álcool: contribuições da Logoterapia. **Revista brasileira de logoterapia e análise existencial**. v. 4, n. 2, p. 217-229, 2015.

OPAS, Organização Pan Americana de Saúde. **Folha informativa – Álcool**. Atualizada em janeiro de 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **CID-10** Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde. 10ª rev. São Paulo: Universidade de São Paulo; 1997.

\_\_\_\_\_. **Neurociências: consumo e dependência de substâncias psicoativas**. Genova: OMS, 2004. Disponível em:<[https://www.who.int/substance\\_abuse/publications/en/Neuroscience\\_E.pdf](https://www.who.int/substance_abuse/publications/en/Neuroscience_E.pdf)>. Acesso em: 21 mar. 2021.

PRATTA, Elisângela Maria Machado; SANTOS, Manoel Antônio dos. Levantamento dos motivos e dos responsáveis pelo primeiro contato de adolescentes do ensino médio com substâncias psicoativas. **SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Droga**. (Ed. port.) v. 2, n. 2 Ribeirão Preto ago. 2006. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1806-69762006000200005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762006000200005). Acesso em: 02 mai. 2021.

SILVA, Renata Lemos da; OLIVEIRA, Schroeder de. O sentido da vida para jovens dependentes químicos. **Psicologia Argum.**, Curitiba, v. 30, n. 71, p. 671-678, out./dez. 2012.

ZANELATTO, Neide A.; LARANJAREIRA, Ronaldo. **O tratamento da dependência química e as terapias cognitivo-comportamentais. Um guia para terapeutas**. Porto Alegre: Artmed, p. 43-46, 2013.